

PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE PESQUISA E ENSINO DE TEORIA LITERÁRIA NO BRASIL¹

PROBLÉMATISATIONS SUR L'ENSEIGNEMENT DE THÉORIE LITTÉRAIRE AU BRÉSIL

Sherry Morgana Justino de Almeida (UFRPE)²

RESUMO

O objetivo deste texto é refletir sobre sobre problemas do estudo de teoria literária do estudo do fenômeno literário por parte dos discentes do curso de Letras no Brasil, apontando a leitura de literatura como caminho mais eficiente para a compreensão teórica. Para tanto, inicialmente, apresentaremos um questionamento acerca dos caminhos da Teoria Literária na contemporaneidade, bem como sobre a necessidade de teóricos e de leitores na construção do discurso sobre literatura. A partir do pensamento dos escritores-críticos Michael Foucault, T. S. Eliot, Roland Barthes, Octavio Paz e Leyla Perrone-Moises, este artigo aponta para a necessidade de que o estudante de Letras, assim como o crítico literário, seja um grande leitor de literatura e, não somente um divulgador de teorias. Por fim, o artigo propõe que a própria literatura, enquanto lugar de fronteiras entre as várias áreas do saber, seja norteadora da criação e do estudo dos discursos teóricos profícuos ao entendimento do fenômeno literário.

PALAVRAS-CHAVE: fenômeno literário; teoria literária; crítica literária; ensino de literatura.

1 Este artigo é resultado de pesquisas desenvolvidas durante o mestrado e doutorado em Teoria da Literatura pela UFPE, bem como da experiência como docente de Literatura e de Teoria Literária em cursos de Letras da UFRPE e de instituições privadas da educação superior. O texto desenvolve ideias apresentadas em dois artigos anteriormente publicados: *Literatura por uma Teoria melhor* e *O inútil indispensável: considerações sobre o ensino de Literatura no Brasil*, conforme referências *in fine*.

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: sherry_almeida@yahoo.com.br

RESUMÉ:

L'objectif de ce texte est de discuter des problèmes de l'étude du phénomène littéraire et de la théorie littéraire par les étudiants de Lettres au Brésil, préconisant la lecture de la littérature comme un moyen plus efficace de compréhension théorique. Pour cela, tout d'abord, on présentera des questions sur la théorie littéraire dans la contemporanéité, et, aussi, sur la nécessité de la participation des théoriciens et des lecteurs dans la construction du discours sur la littérature. Notre étude est basée sur la pensée des écrivains-critiques Michael Foucault, T. S. Eliot, Roland Barthes, Octavio Paz e Leyla Perrone-Moises pour souligner la nécessité de l'étudiant de Lettres, ainsi que le critique littéraire, d'être un grand lecteur de littérature et non pas seulement un promoteur des théories. Et finalement, on montrera que la littérature est un lieu de frontières entre les différents domaines de la connaissance et donc la littérature devrait guider la création et l'étude des discours théoriques pour la compréhension du phénomène littéraire.

MOTS-CLÉS: Phénomène littéraire; théorie littéraire; critique littéraire; enseignement de la littérature

INTRODUÇÃO

A literatura deve ser entendida como um fenômeno social que nos põe em diálogo constante com todas as áreas do saber humano, e reconhecer isso significa adentrar num campo de conflito. Isso porque a concepção tradicional de literatura como conjunto de textos artísticos de uma cultura torna-se insuficiente para dar conta das implicações sociais envolvidas. Ao se compreender a literatura como um fenômeno coletivo, admite-se seu caráter institucional e, por consequência, as noções acadêmicas, educativas, políticas e mercadológicas que a ela se aplicam precisam ser consideradas relevantes ao seu estudo.

Nesse sentido, não é cabível uma visão delimitadora que restrinja a criação literária como fruto apenas da expressão da individualidade do ser humano. A arte da palavra, dessa forma, implica uma estrutura que atende a necessidades sociais de propagação de saberes, ideologias, enfim,

interesses gerais, e ainda sim, abarca aquilo a que se pode chamar de sonhos de linguagem, a criação de mundos possíveis, isto é, expressividade humana através da linguagem verbal.

Se a literatura é algo indubitavelmente coletivo, a teoria literária, por sua vez, não é só um instrumento de que se pode servir para estudá-la, mas sim uma possibilidade de questionamento desse fenômeno social. O desafio maior da teoria, talvez, resida na dificuldade de conciliação desse inegável caráter institucional da literatura com sua inata condição de propor constantemente alternativas estéticas para a realidade. A teoria literária é, pois, uma zona tanto, ou mais, conflituosa quanto a própria literatura, pois toma como seu objeto de estudo esse lugar de linguagem que é a literatura, o qual tende a nos remeter sempre a espaços de fronteiras discursivas. Ler literatura é ler história, antropologia, psicanálise, sociologia, biologia, matemática...

Na esteira de tais problematizações, levantamos aqui uma discussão sobre um imenso desafio para docentes de Literatura nos cursos de Letras no Brasil: o trabalho com Teoria da Literatura junto a graduandos (e pós-graduandos!). Queremos especular sobre motivos de a Teoria da Literatura ser tomada, pela maioria dos graduandos, como matéria inacessível e, concomitantemente, especular sobre o porquê de professores universitários se encontrarem a cada período letivo com dificuldades para construção de um programa de leituras teóricas que possam melhor mediar o processo de aprendizagem do conhecimento teórico literário.

Se é verdade que o olhar do homem legitima a existência das coisas que o cercam, pode-se tomar também como verdade que o olhar teórico legitima a existência da literatura. Outra verdade: as teorias estão em permanente embate para “melhorar” o olhar sobre a literatura. Este texto também se propõe a especular um caminho tangencial para o apuro desse olhar: a leitura de literatura contribuindo para a teorização; a literatura atuando como um tipo de catalisador de eficácia das teorizações e para a melhor reflexão e estudo da própria teoria. Ler literatura para melhor teorizar sobre ela e, por conseguinte, melhor compreender os discursos teóricos existentes sobre ela.

1. Literatura por uma teoria melhor³

A teoria, enquanto observadora, assumiu ao longo da história pontos de percepção que ditaram maneiras de ler a literatura, construindo saberes acerca dela, dando-lhe continuidade de existência. Seja focalizando o autor, o leitor ou texto, a teoria necessita de uma definição da literatura que lhe sirva de esteio. Eis a dialética: para observar seu “objeto de estudo”, é preciso defini-lo, contudo esse objeto não cabe nos limites de um conceito. A literatura não é lugar de definição, mas sim de indefinições que “ilimitam” a imaginação humana, um lugar de múltiplas fronteiras. Isso explica, em parte, a impossibilidade de existência de uma ciência da literatura em sentido estrito. Não há como delimitá-la. Aliás, são mais importantes as reflexões feitas em busca da conceituação do que o conceito propriamente dito: os caminhos percorridos revelam mais que o local aonde se chega.

Quanto ao ato de reflexão, há um pressuposto aparentemente óbvio, mas que parece ser esquecido às vezes, o qual deveria nortear a postura de um teórico comprometido com uma leitura não redutora: os diálogos entre a teoria e a literatura, entre teorias e teorias devem ser profícuos. O papel do teórico é trazer sua contribuição à incompletude essencial do texto literário, ampliar o discurso que a literatura propõe a cada obra. Quem pretende teorizá-la deve estar ciente de que toda obra, por si, pergunta e responde o seguinte: o que é literatura? Mais especificamente, cada obra, (re)vela que literatura e que teorias são subjacentes a seu discurso artístico.

A escrita faz de toda obra como que uma pequena representação, algo como um modelo concreto da literatura. Ela detém a essência da literatura, mas dá ao mesmo tempo sua imagem visível, real. Nesse sentido, pode-se dizer que toda obra diz o que ela diz, o que ela conta, sua história, sua fábula, mas além disso, diz o que é literatura. (FOUCAULT, in: MACHADO: 1999, p.146)

O teórico deve estar consciente de que a literatura em si mesma é

3 O título desta parte dialoga, numa espécie de pastiche, com o título *Kafka por uma literatura menor*, obra de G. Deleuze e F. Guattari.

uma crítica à realidade, uma transgressão ou simulacro da linguagem e que, portanto, teorizá-la é oferecer, através de discurso, caminhos possíveis de acesso ao seu mecanismo crítico.

A função exercida pela literatura moderna, em seus melhores momentos, foi a de dizer “não” a uma realidade inaceitável e de sugerir possibilidade de outras histórias (não indicar ou preescrever soluções, como nas utopias políticas). (PERRONE-MOÍSES: 1998, p. 206)

Hoje, em qualquer área do conhecimento humano não se tem a pretensão da verdade absoluta, mas há a difícil tarefa de conciliação das possibilidades de verdades. O que permite uma maior aceitação dos diversos de pontos de vista na reflexão intelectual dos fenômenos sociais.

Em relação à literatura, o maior risco dessa postura de flexibilização – poder-se-ia dizer, em alguns casos, com mais precisão uma postura de permissividade – às diversas propostas teóricas é a herança, bastante acadêmica, de um vale-tudo ideológico e estético que acomete as produções teóricas: qualquer discurso que verse sobre literatura, inclusive os que nada acrescentam ao seu questionamento, pode ser tomado como uma teoria válida e até mesmo considerada enriquecedora. Esse vale-tudo teórico não parece ser nada além de um sintoma do afastamento dos estudiosos da literatura, a dita *intelligentzia* literária, de seu fomento, isto é, da própria literatura.

A teoria é uma ponte entre a literatura e sua própria essência. Uma ponte que precisa ser constantemente erguida e demolida, porque essa essência não possui localização espacial definida e perene. Sabe-se que uma de suas bases há de ser o texto literário e que a direção e o caminho a ser ponteados por ela é o teórico quem traça até se chegar a outra base, a essência, a qual só se configura visível no ato de construção dessa ponte chamada teoria.

Não é por acaso que algumas contribuições críticas de escritores e poetas foram determinantes para o aprofundamento do saber literário na modernidade. Para citar apenas alguns dos mais célebres: Maurice Blanchot, T. S. Eliot, Jorge Luis Borges, Octavio Paz, Ezra Pound... Ao elencá-los, não se quer dizer que apenas criadores podem contribuir para o discurso

sobre literatura. Quer-se somente fundamentar uma argumentação que aponta para o fato, já sabido, de que as melhores contribuições advêm de bons leitores – aqueles que muito leem, melhor escrevem e, também “melhor” pensam a escrita. Afinal, o leitor que se torna escritor é quem define o futuro das formas e dos valores que embasam a continuidade do fenômeno literário.

O que leva a literatura a prosseguir sua história não são as leituras anônimas e tácitas (que têm um efeito inverificável e uma influência duvidosa em termos estéticos), mas as leituras ativas daqueles que prolongarão, por escrito, em novas obras. (*idem*)

Essas obras que “prolongam” outras podem ser criações, críticas ou teorizações literárias. Em todos os casos há uma continuidade do discurso literário. Muito já foi dito sobre essa continuidade que promove diálogos conscientes, ou inconscientes, infligindo uma irmandade atemporal aos escritores e poetas. Sabe-se que “entre os verdadeiros artistas de qualquer época há uma comunhão inconsciente” (ELIOT: 1998, p.50). Além disso, pode se dizer que também há irmandade entre a linguagem literária e seu estudo, ou seja, o discurso teórico e a atividade crítica “encontram sua suprema e verdadeira plenitude numa espécie de união com a criação no trabalho do artista” (*idem*). Essa rede feita de coincidências e oposições, umas tácitas e outras explícitas, constitui a conversação literária de uma época, ou melhor, de todas as épocas.

Não se propõe aqui, como foi dito anteriormente, limitar a crítica e a teoria da literatura à pena dos escritores e poetas. Seria injustiça e ignorância em relação a muitos pensadores que não produziram, ou não tiveram êxito em suas criações literárias, contudo, contribuíram para ampliar o conhecimento sobre literatura. O que se quer é proclamar a leitura de obras literárias como forma de otimização e de renovação de teorias.

Teóricos em geral, cada vez mais, leem muita teoria e pouca literatura! O pedido não é de melhorar a escritura do texto teórico, no sentido de metaforizar, “literarizar” o discurso que estude a literatura (talvez isso aconteça como consequência do maior contato com a linguagem artística), a intenção é ampliar a visão teórica através das perspectivas múltiplas que oferecem os textos literários.

O conhecimento, mesmo em suas formas mais modestas, tem seus direitos; admitimos que sabemos como utilizá-lo, e como negligenciá-lo. Naturalmente, a multiplicação de volumes de crítica e de ensaios poderá criar[...] um gosto vicioso pela leitura dessas próprias obras, e isso pode às vezes formar opinião em lugar de educar o gosto. (ELIOT, *opus cit.*, p.62)

Essa formação de opinião sem o estímulo ao gosto pela leitura é que pode ser perigosa, pois tende a erigir preconceitos ou limitar a visão teórica. Isso atrapalha, quando não impede, a busca do texto literário, bastando para o teórico o contato com textos teóricos e críticos, leituras sobre literatura em detrimento da própria leitura literária.

Com isso, não é de se espantar que até mesmo a compreensão de certas correntes teóricas, que privilegiam uma expressão criativa das ideias em sua escritura, torne-se tortuosa para alguns estudiosos da literatura. Há um choque ao se depararem com teorizações pouco (ou nada) sistemáticas e metódicas que fazem da teoria, e da crítica, uma escrita que rivaliza com a própria literatura, uma “segunda escritura”² literária.

Não significa que se deve voltar ao impressionismo humanista e falar do texto literário fechado em si mesmo, preterindo o uso de teorias que busquem elucidar questões como as de autoria, receptividade ou estilística da obra literária. Não se proclama aqui o discurso laudatório que despreza a investigação de questões estéticas, privilegiando apreciações livres e superficiais que se esgotam na defesa do gostar ou não gostar de um texto. Pelo contrário, uma reflexão verdadeiramente relevante e profícua mergulha na literatura em busca desses questionamentos estéticos, pois é no texto que eles se apresentam à espera de uma teorização que, cotejando-as com as ideias existentes no legado cultural humano, especialize esse conhecimento, valorizando a obra literária, bem como legitimando a necessidade de literatura como fomento para a imaginação humana.

Por consequência disso, a questão teórica que mais pesa (ou deveria pesar) nas reflexões sobre literatura refere-se ao juízo de valor. Os valores literários são, no mínimo, ecos de valores sociais mais amplos. Para estabelecer qualquer juízo de valor, os homens se veem dependentes do consenso, e este parece ser cada vez mais difícil na atualidade. Ademais, a

reflexão a respeito de valores pressupõe uma utilidade, na sociedade, para a literatura e para todas suas questões.

Essa utilidade constitui-se como um outro nó dos estudos acerca da arte literária. É difícil justificar de forma compreensível a todos, sem distinção de qualidade e nível de escolaridade, a “utilidade” pragmática da literatura; mais complexo ainda é justificar a necessidade de estudos e pesquisas sobre ela.

Confrontada à globalização econômica e midiática, a problemas gravíssimos como os da democratização, da ecologia, da violência, das desigualdades, da miséria e da fome, a questão de um consenso estético parece um luxo absolutamente dispensável. (PERRONE-MOÍSES: *opus cit.*, p.206)

Esse “luxo” é, na verdade, indispensável: sem aprofundar o mérito de problemas sociais, políticos e econômicos, pode-se afirmar que a literatura, sem a pretensão de formar ou deformar, acaba por proporcionar aos indivíduos-leitores o desenvolvimento do espírito crítico que os faz pensar o mundo e a sociedade em que vivem.

Aceitando-se, de maneira simples, mas não ingênua, que a literatura é, em si mesma, uma crítica ao real - o lugar dos mundos possíveis (melhores ou piores, não se sabe, apenas diferente deste nosso), uma alternativa estética para a realidade, por ser fruto do intelecto criativo - a ação e a função das teorias literárias tornam-se muito mais comprometidas com a eficiência e a habilidade na leitura. A condição de diálogo do teórico e do crítico, então, está subordinada à condição de leitor, não só do leitor individualizado que se isola em seu ato silencioso de leitura, mas também, e principalmente, do leitor-coletivo formado pela *doxa* e pelo cânone, o qual instaura, destrói e consolida opiniões sobre literatura.

Esta pluralidade de leitores de disciplinas diferentes, unidos por gostos e valores semelhantes, é o que se chama uma tradição. Não importa que no seio desta tradição as opiniões sejam divergentes e ainda contraditórias: todos lemos Goethe, embora cada um com olhos diferentes. (PAZ: 1993, p.105)

Em nome desse leitor que, olhando as obras literárias, irmana-se a

outros em discussões teóricas e críticas, consolidando ou negando uma tradição, é que se deve defender a literatura como fonte teórica – por essa sua condição inata de lugar de múltiplas fronteiras discursivas – e não apenas como objeto passivo da teorização.

A pergunta-mor dos estudos literários atuais continua a ser: o que é literatura? Porém, hoje, acresce-se a ela detalhes contextuais: pergunta-se também, por exemplo, o que a teoria considera literatura ou quer transformar em literatura. Isso significa dizer que a força da teorização é maior do que a noção instrumental que se tem dela e, assim, a responsabilidade e o comprometimento daqueles que a fazem se tornam mais intensos.

A aplicação à literatura de métodos “cientifizantes” de estudo da sociedade e dos indivíduos, quando toma como ponto de partida a teoria e não a literatura, torna-se redutora, enquadrando a criatividade do artista a uma moldura superficial de conhecimento teórico. Nada se acrescenta à discussão sobre literatura, muito menos a outras áreas do saber, a não ser novos-velhos vícios de intelectualismo. O teórico ou crítico que carrega consigo a defesa irrestrita de uma só visão da literatura esquece que, assim como as realidades, obras diferentes requerem atitudes, métodos e critérios diferentes de abordagem.

A dificuldade de uma teorização imanente à obra, ou seja, que parta e se volte para ela, é a de que, ao contrário do que se pensa ou se pratica, para efetuar-la não se deve fechar-se na própria obra, mas sim, através dela, abrir-se a outras áreas do conhecimento: ousar transpor essas fronteiras entre os saberes. Mesmo porque um texto literário pode guiar tanto para muitos quanto para nenhum caminho possível de leitura. A teorização, assim como a crítica “ao nível da obra”⁴, deve ser feita, mas é a menos simples de se efetuar. Não há um método, ou melhor, há tantos métodos quantos forem os pontos de vista. Além disso, sua condição de eficácia é o envolvimento com a leitura do texto literário.

Para ter o direito de defender uma leitura imanente da obra, é preciso saber o que é a lógica, a história, a psicanálise; em suma, para devolver a obra à literatura, é necessário

4 Expressão criada por Roland Barthes para designar os textos que falam sobre textos literários. A linguagem dos textos literários ele chamou de “primeira escritura”.

precisamente sair dela e pedir auxílio a uma outra cultura antropológica. (BARTHES: 1999, p.204)

A passagem do tempo não invalida conquistas sólidas; a constatação acima ajuda a entender a complexidade da teorização do fenômeno literário. É necessária uma visão abrangente para abarcá-lo em sua diversidade. Mais um conflito parece instalar-se nos domínios da literatura: como privilegiar a leitura de textos literários e, ainda assim, se armar de conhecimentos de outras áreas antropológicas? É preciso ser “especializado” na literatura sem limitar-se a ela.

Além de exemplos de perfeição formal e deleite espiritual, nossos clássicos foram, durante dois milênios, mestres de sabedoria política. Hoje essa função é exercida pelos professores de sociologia e politicologia. A maioria ignora e menospreza a herança clássica. Sentados em seus dogmas, dão aulas agitando um punhado de fórmulas que explicam todos os fenômenos sociais - menos o de sua estranha posição no mundo moderno. (PAZ: opus cit. p.100)

A literatura não é a farmacologia para todos os males da humanidade. Entretanto, é inegável que saberes humanos (bem como as ciências em geral) erigiram-se tendo por base as produções literárias que hoje são chamadas clássicas. Os pensamentos de Freud ou de Newton seriam os mesmos se não constasse literatura entre suas leituras? Não há como responder precisamente a essa pergunta. Contudo, certamente se pode afirmar que a criticidade e a criatividade humanas são potencializadas num indivíduo que lê literatura.

2. Leitura de literatura pelo ensino de teoria literária

Ao considerar válidas tais especulações sobre a necessidade de conhecimento literário para teorizar a literatura, encaminhamo-nos a aceitar como válida também a ideia de que para a reflexão e melhor compreensão da teoria sobre literatura faz-se necessário conhecimento literário. Dessa forma, adentramos ao questionamento sobre dificuldades do ensino/aprendizagem de Teoria literária nas disciplinas de graduação.

Acreditamos que o problema de a teoria se configurar com conhecimento difícil e desinteressante para alunos recém-ingressos (e

também para os egressos) nos cursos de Letras se deva, entre outros motivos, por falta de conhecimento literário. A dificuldade se potencializa quando nos encontramos diante de estudantes que não têm o hábito da leitura de literatura. Infelizmente, esse é o perfil da maioria dos ingressantes nos cursos de Letras contemporaneamente.

A formação de profissional de Letras tem se precarizado, no Brasil, no que diz respeito à condição de leitor especializado em literatura e, paradoxalmente, os estudantes de Letras, e possíveis futuros professores de Literatura, geralmente, não são os grandes leitores do ensino médio. No curso que, pretensamente, formaria os amantes das belas letras que menos se observa é o interesse pela leitura e discussão dos textos literários com intuito de construção de criticidade. E, como há que se reiterar que “o estudo sistemático da literatura terá por efeito a aquisição do espírito científico no seu tratamento” (VENTURA, 1991, p.220), aqueles que discentes se hábito de leitura do texto literário, encontrarão muito mais dificuldade tenderão a rechaçar o contato com a leitura e reflexão de textos teóricos que confirmam esse tratamento científico à literatura. Em palavras mais diretas, como os estudantes chegam aos cursos de letras sem o hábito de ler, não se encontram maduros para lidar com leituras que teorizam a literatura, que caracteriza a formação superior na área.

Quem quer que se aventure às salas de aulas dos cursos superiores de Letras no Brasil, especialmente como professor de Literatura, deve testemunhar a enorme dificuldade de construção de conhecimento a partir da reflexão teórica bem como a aplicação da teoria na análise da obra literária.

Ademais, para o professor de Literatura, é um desafio apresentar ao aluno de graduação um grande número de textos teóricos seminais que alicercem a análise dos textos submetidos a seu apreço. De fato, os professores de Literatura e Teoria da Literatura encontram-se, quase sempre, em situação pouco confortável no momento de selecionar textos sobre teoria literária para serem trabalhados em sala de aula, com alunos de graduação (e poderíamos dizer também de pós-graduação, posto que, ficando precarizada a base de formação em teoria de um graduando, aqueles que conseguirem concluir o curso terão problemas ainda maiores para cursar uma pós-graduação em Literatura). Isso acontece, principalmente, porque grande parte do material disponível no mercado não é destinada à

graduação, mas ao pesquisador, em geral iniciado.

Trata-se de publicações que contemplam a teoria literária a partir de suas fontes, mas que, efetivamente, não atingem o aluno; a linguagem é hermética e as discussões são eminentemente teóricas, acarretando, não raro, o desinteresse do aluno em relação à matéria. Por outro lado, os manuais disponíveis abordam, em sua maioria, as tendências críticas tradicionais, sem contemplar as abordagens mais recentes. Essas, quase sempre, estão dispersas em textos de seus formuladores, geralmente estrangeiros. (BONNICI, T.; ZOLIN, L., 2009, 16)

Para ser esse leitor “iniciado” é imprescindível ser, prioritária e ostensivamente, leitor dos textos artísticos. Se nossos discentes de Letras não desenvolveram o hábito de leitura de literatura antes de ingressar no curso superior, naturalmente, não terão o perfil de iniciados nos estudos literários. O conhecimento literário, ficcional, poético ou teórico será sempre, para eles, matéria tão inacessível quanto uma língua estrangeira o é para quem dela nada conhece. Como há poucos manuais didáticos que facilitem ao aluno (e ao professor) sua iniciação aos discursos teóricos ou, como é comum, os professores se neguem a utilizar materiais mais didáticos por creditá-los superficializados, nossos discentes não encontram, durante a graduação, condições para construir um perfil de estudioso do fenômeno literário e de suas teorias.

Acresça-se a isso, as transformações que os currículos de Letras têm sofrido, por imposição legal, em prol de oferecer um melhor preparo didático do licenciado: a carga horária obrigatória das disciplinas pedagógicas foram elevadas. A consequência disso é que as disciplinas de base epistemológica do curso – as de língua, linguística e literaturas – ficam com carga horária insuficiente para um trabalho profícuo.

O “desletramento” do curso de Letras é agravado, ainda, porque muito se nutre da postura (profissional e pessoal) mesquinha de alguns pretensos professores e alunos “estudiosos” de Literatura, que transformam os departamentos de Letras em ambientes de vaidade pessoal mais do que inadequados, inóspito, a uma conversa inteligente sobre boa leitura. Eis o lema: Compartilhar Nunca! Evidenciar-se sempre! Tal postura, porém, não é uma atitude recente, nem é um privilégio das universidades brasileiras.

Arthur Schopenhauer (1788-1860), um dos mais importantes filósofos alemães, já comentava essa relação de aparências que os seres têm com o conhecimento:

Quando observamos a quantidade e a variedade dos estabelecimentos de ensino e de aprendizado, assim como o grande número de alunos e professores, é possível acreditar que a espécie humana dá muita importância à instrução e à verdade. Entretanto, nesse caso, as aparências também enganam. Os professores ensinam para ganhar dinheiro e não se esforçam pela sabedoria, mas pelo crédito que ganham dando a impressão de possuí-la. E os alunos não aprendem para ganhar conhecimento e se instruir, mas para poder tagarelar e para ganhar ares de importantes. (SCHOPENHAUER, 2001, p.19)

Não é anacrônico esse apelo ao filósofo do século XIX, na verdade, esse trecho nos mostra que os descompassos entre a instrução crítica e a educação formal são inerentes a qualquer sociedade. O bom professor é aquele consegue instruir seus alunos, instigando-os a buscar sempre mais conhecimento. Eis, pois, uma certeza que todo professor de literatura, especialmente os mais apaixonados pelo prazer da leitura, precisam levar consigo até a sala de aula: seu desafio maior não é dizer o quê e quando, este ou aquele poeta ou escritor escreveu, mas é sim conseguir transformar o seu aluno em leitor (categorias distintas!).

Na graduação de Letras, idealmente, não se deveria exigir de um professor a obrigação de transformar aluno em leitor de literatura, porque esta deveria ser a condição *sine qua non* para o ingresso no curso. Entretanto, como exposto não é essa a realidade dos bancos universitários do Brasil contemporâneo. Dessa forma, há que se desenvolver também nos pesquisadores/professores universitários a consciência da necessidade de empenho em dirimir a distância abissal entre a criticidade dos graduandos e a capacidade de reflexão abstrata exigida por um texto seminal de teoria literária. Do contrário, haverá apenas, por parte do aluno, desinteresse e o conseqüente aumento dessa distância.

Pode-se afirmar sem engano que a leitura literária constitui-se como principal caminho para o hábito à reflexão crítica. Isso porque, como afirma Antonio Candido (2002), a literatura possui uma função humanizadora;

está voltada para a ação psicológica da necessidade nata que o homem tem em fantasiar com práticas do seu dia a dia. Práticas essas que são vivenciadas através de músicas, filmes, minisséries, fotografias, novelas, livros, que são consideradas marginais às realidades do ser humano. É, por meio dessas práticas vividas, as quais englobam os mais diversos temas universais como a guerra, a paz, o amor, os sonhos, entre outros, que o homem cria uma espécie de bagagem de entendimento que vai ligá-lo ao mundo e permitir a concretização de seus objetivos. Nas palavras T.S. Eliot: “Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade.” (ELIOT, 1991, p.29)

Essa ampliação da consciência e da sensibilidade humanas é justamente o antídoto necessário para um indivíduo que, na condição de estudante de Letras, busque a compreensão sobre os discursos teóricos que versem sobre o fenômeno literário. Até porque, se estes se ocupam em pensar a literatura, somente tendo prazer e criticidade de leitor de literatura é que o estudante irá interessar por sua teorização.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a pós-modernidade trouxe para a teorização e a crítica literárias a desconstrução e a negação de valores, cânones e dogmas, cabe ao teórico da contemporaneidade dedicar-se ao resgate do que não deve ser desconstruído no pensamento sobre literatura, ou seja, “preservar” conquistas basilares da teoria ao longo da história. Só assim é possível acrescentar ao legado teórico já existente novas concepções e novos conceitos estéticos.

Fazem-se necessários dedicação e envolvimento incondicional com a leitura do texto literário, sabendo que também é importante debruçar-se em outras leituras. O que se deve fazer para teorizar a literatura é tomá-la como ponto de partida e de chegada, nunca de estagnação. Transpor fronteiras discursivas é também garantir que novas fronteiras sejam abertas, sob o desafio teórico constante de conseguir visitar várias paragens discursivas, estando sempre ancorado ao mesmo porto: a literatura.

Por isso, acreditamos ser a literatura grande fomento para a capacidade de reflexão sobre variados temas por exercitar a abstração do

pensamento, fator fundamental para a compreensão e desenvolvimento de teorias em quaisquer áreas do saber humano, inclusive, a teoria literária. Dessa forma, é inegável que as pessoas que lêem textos literários são mais aptas à compreensão de ideias e conceitos teóricos complexos do que os indivíduos sem o hábito de leitura de linguagem artística. Em síntese, há que ser ler sempre mais literatura para se compreender e se engendrar os discursos teóricos sobre ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. M. J. *Literatura por uma teoria melhor*. In: Sapienza (Recife), v. 1, p. 47-52, 2009.

_____. *O inútil indispensável: considerações literatura e ensino no Brasil*. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2013, Campina Grande. ANAIS ABRALIC INTERNACIONAL, 2013. v. 1.

BONNICI, T.; ZOLIN, L. (Org). *Teoria Literária: Abordagens históricas e Tendências Contemporâneas*. 3 ed. Mringá: EDUEM, 2009.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2002.

ELIOT, T. S. *De poesias e de poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Tradição e talento individual. In: *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PAZ, Octavio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.

PERRONE-MOÍSES, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Cia das letras, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.